

I D E A R T E

O U T U B R O 2 0 0 5



Alexandre Pais

Pedro Redol

Cristina Cruzeiro

Lúcia Rosas

Tânia Saraiva

Revista de Teorias
e Ciências da Arte

3

I D E A R T E

REVISTA DE TEORIAS E CIÊNCIAS DA ARTE

- [Home](#)
- [Contactos](#)
- [Idearte Vol. 1](#)
- [Idearte Vol. 2](#)
- [Idearte Vol. 3](#)
- [Idearte Vol. 4](#)
- [Idearte Vol. 5](#)
- [Informações](#)
- [Sobre](#)

Idearte Vol. 3

[Metamorfozes. A fonte bicéfala do Museu Nacional de Arte Antiga](#)

Alexandre Nobre Pais

[Paisagem, arquitectura, museus, restauro, vida: que integração? A propósito de um programa museológico para o mosteiro de Santa Clara-a-Vela em Coimbra](#)

Pedro Redol

[Romantismo. Um legado para a posteridade \(?\)](#)

Cristina Cruzeiro

[A Sé de Lisboa. Augusto Fuschini e a representação da arquitectura medieval](#)

Lúcia Rosas

[Alberto Carneiro. De artesão a artista. De artista a “operador estético”](#)

Tânia Saraiva



Pesquisa:

Procurar

Social networks:

[By N2H](#)

Ligações:



UNIVERSIDADE
DE LISBOA

imc

INSTITUTO
DOS MUSEUS
E DA CONSERVAÇÃO

SERRAVES



©2010 idearte.org - All rights reserved.

Platform: [Wordpress](#). Template: [idearte.org](#).

*A SÉ DE LISBOA: AUGUSTO FUSCHINI E A REPRESENTAÇÃO DA
ARQUITECTURA MEDIEVAL*¹

Augusto Fuschini protagonizou um dos restauros mais criticados e radicais que se realizaram em Portugalⁱ. Orientado pelos conceitos de Viollet-le-Duc ou melhor, pela interpretação *excessiva* das suas teorias, Fuschini impôs na Sé de Lisboa – construção de origem românica a que se juntaram elementos da arquitectura gótica, muito alterada pela reconstrução sequente ao terramoto de 1755 – uma imagem exterior onde enfatizou as referências da gramática decorativa gótica, marcada por pináculos e torres, criando um modelo exemplar e abstratizanteⁱⁱ de monumento medieval. Nascido em Lisboa em 1846, Fuschini estudou matemática e filosofia na Universidade de Coimbra. Na Escola do Exército da capital obtém a carta de engenheiro em 1873, e em 1875 é integrado no quadro de Engenharia do Ministério das Obras Públicas. Foi deputado em várias legislaturas, vereador da Câmara Municipal de

Lisboa e colaborador de Hintze Ribeiro no Ministério da Fazenda, em 1894.

Em 1900 presidia ao Conselho Superior dos Monumentos Nacionais. Entre 1899 e 1901 elaborou os projectos de restauro da Sé de Lisboa onde trabalhou até à sua morte, em 1911ⁱⁱⁱ.

Fuschini escreveu *A Architectura Religiosa na Idade Média* – obra editada em 1904 - onde expôs os vectores teóricos e práticos adoptados no projecto de restauro, que então já começara a aplicar nas obras que dirigia na catedral. A este texto dedicaremos particular atenção porque estabelece, embora brevemente, os princípios programáticos seguidos no restauro. Contudo a ideia de restaurar a Sé de Lisboa, retomando o arranjo medieval, já vinha de trás, tendo merecido outros projectos, intencionais ou realizados.

O Ministério das Obras Públicas dirigiu obras de reparação entre 1856 e 1864, com o objectivo de devolver o templo às

* Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹ ROSAS, Lúcia. *A Sé de Lisboa: Augusto Fuschini e a representação da arquitectura medieval*. IN: *Idearte - Revista de Teorias e Ciências da Arte* - ANO II, N.º 3 (Outubro – 2005), pp. 57 - 71. Disponível em www.idearte.org.

suas funções de Sé patriarcal. A intervenção, essencialmente no interior, consistiu em trabalhos de consolidação, revestimentos de estuque em mármore fingido nas colunas, restauro dos túmulos da capela-mor, repintes nos quadros do tecto da nave central e arranjo de imagens.^{iv}

As obras decorreram de forma lenta e com interrupções, como regista a imprensa da época, apelando ao respectivo ministro pela conservação dos monumentos históricos. O aspecto exterior da Sé manteve-se, em todas as suas fachadas, como patenteia a iconografia do templo datada dos anos seguintes a esta intervenção.^v No entanto a fachada ocidental desagradava particularmente, começando então a surgir a ideia de a modificar. Em 1863, nas páginas de "O Conservador", escreve-se que a varanda sobreposta à entrada principal deveria ser retirada. Os vãos rectangulares que abriam para a mesma seriam entaipados, ou substituídos por *arcos ogivais à feição das antigas* aberturas. O mesmo periódico informa que "o Exm.º deão tem sido incansavel em diligenciar que se faça esta obra (...). Esperemo-lo: porque na respectiva repartição das obras publicas ha homens amantes das bellas artes, das quaes são apreciadores competentes, e não é possivel que não

estejam convencidos da necessidade de acabar com um tão grande escândalo artístico"^{vi}.

Supomos que o desenho do alçado e corte da fachada ocidental intitulado *Progecto para restaurar da fachada da Sé Cathedral de Lisboa afim de completar a decoração architectonica do gosto primitivo*^{vii} poderá corresponder a esta campanha de obras e à vontade expressa do deão que "O Conservador" assinala. O projecto está assinado por Manuel José de Oliveira Cruz e o desenho foi copiado por José Maria Caggiani, ambos architectos do Ministério das Obras Públicas. O primeiro foi um dos sócios fundadores da Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses em 1863 e, já à data, pertencia ao quadro do Ministério. José Maria Caggiani seria admitido como sócio daquela agremiação em 1865^{viii}.

Sendo ambos architectos do Ministério responsável pelas obras da Sé, é muito provável que aquele projecto date da campanha decorrida entre 1856 e 1864. Detenhamo-nos nas alterações projectadas:

- o portal românico é transposto para o alinhamento da fachada, deixando de estar oculto pela galilé. É ambientado

superiormente por um arco conopial que remata o enquadramento;

- a sacada e respectiva balaustrada continuam a existir, mas a primeira é sustentada por uma cornija ao modo românico;

- as janelas do corpo central e das torres deixam de ser rectangulares e adquirem perfil em arco de volta perfeita.

O "gosto primitivo" corresponde a um hibridismo de soluções da gramática românica e do gótico final, concretamente na adopção do arco conopial que, como é sabido, depois da construção do tempo da Batalha foi glosado em várias igrejas. Aliás, o alçado do portal projectado apresenta grandes semelhanças com o portal da igreja do Carmo de Lisboa, que certamente inspirou o arquitecto Manuel José de Oliveira Cruz.

O projecto pretende corresponder às duas épocas da construção medieval da Sé: românica e gótica. É curiosa a opção escolhida para o portal, como indicador do enraizamento no gosto português de oitocentos, das soluções decorativas do mosteiro da Batalha e dele derivadas. O que devemos reter deste projecto é a circunstância de o restauro ser entendido como a *representação* de uma ou várias épocas artísticas, e não tanto como a

reconstrução de um edifício, processo que tenta perseguir o modo arquitectónico original do monumento, ou a unidade do seu estilo original. Este sentido representativo resulta em uma (ou de uma) visão cenográfica da arquitectura que se detém na fachada, e secundariza a arquitectura como sistema construtivo e como fenómeno de projecção nas três dimensões do espaço.

Joaquim Possidonio Narciso da Silva (1806-1896) na sequência da actividade que conduziu à edição do primeiro arrolamento dos Monumentos Nacionais (1881), foi encarregue pelo Ministério das Obras Públicas, no mesmo ano, de reunir notícias sobre o estado daqueles monumentos e de levantar as plantas dos mesmos. No relatório que apresentou, sobre aquela missão, J. P. Narciso da Silva refere que mandou fazer uma alteração na fachada ocidental, para que não ficasse no desenho "o enxerto do gradeamento e as *portinhas exóticas* (...) não so porque alterava do modo mais insolito o aspecto primitivo (...) mas patenteava a falta de criterio e o desconhecimento dos mais elementares preceitos da arte e da archeologia seguido por todos os arquitectos que sabem desempenhar com acerto a sua nobre profissão (...)"^{ix}. Exposta a questão ao director das obras públicas, J. Simões

Margiochi, este aprovou a ideia da alteração, que consistiu em substituir, no desenho, o gradeamento por um apoio de cantaria mimetizando o coroamento superior do edifício, mantendo a sacada necessária nas festas litúrgicas mas "disfarçando o pessimo efeito das construções de taes portinhas (...)">^x.

Possidónio refere ainda que alterou o estado da construção no corte longitudinal do monumento ao omitir, no claustro, a "casinhola moderna arranjada no recanto norte, e onde se revestem os conegos do cabido (...). Dá-se esta omissão (...) a fim de não ficarem encobertas as antigas arcarias que decoram o primitivo claustro e que unicamente n'este lado do edificio resistiram ás oscilações do grande terramoto de 1755, ficando os outros lados destruidos"^{xi}.

A idealização do levantamento deve ser sublinhada, não só porque aquele regista elementos da construção que não correspondem à realidade, mas igualmente porque é um sintoma do que poderemos chamar de *vontade de monumento histórico*. A definição de valor histórico dos monumentos, proposta por Riegl^{xii}, sublinha que este valor é tanto maior quanto menores sejam as alterações efectuadas - factores assaz incómodos - porque

aquele valor reside no facto de o monumento representar uma determinada etapa, na evolução de qualquer campo criativo. Este quadro mental é apresentado pelo próprio J. P. Narciso da Silva, quando escreve a propósito da fachada ocidental:

"(...) e ate de futuro quem visse o alçado com tão grave defeito julgaria que ao artista que delineára esse grandioso edificio medieval faltavam os conhecimentos architectonicos e por isso encorrêra n'um reprehensivel erro, ficando a sua memória deslustrada sem razão"^{xiii}.

A ideia de Possidónio transmite não só a vontade de registar o passado arquitectónico "correcto", como a de deixar para ao futuro a imagem intocada dessa correcção.

Outro projecto de restauro da fachada da Sé está datado de 1895 e assinado por José Maria Nepomuceno^{xiv}, responsável pelas principais alterações da igreja e convento da Madre de Deus e architecto do Ministério das Obras Públicas onde entrou como condutor de obras, tendo progredido na carreira que a estrutura do ministério permitia, assumindo a categoria de architecto em 1886. José Maria Nepomuceno restaurou também o

túmulo de D. Dinis e o Mosteiro de S. Vicente de Fora e emitiu um parecer sobre a forma como deveria ser terminado o mosteiro dos Jerónimos, que lhe foi requerido por Pedro Romano Folque em 1895. Tinha pois uma prática de restauro considerável e tal como nas transformações que imprimiu no convento da Madre de Deus apresenta, neste projecto para a fachada da Sé de Lisboa, uma solução de gosto cenográfico. A principal alteração proposta é ao nível dos coroamentos e do óculo.

Remata superiormente o corpo central e as torres laterais por merlões rectangulares e transforma o óculo em rosácea, de complicado desenho interno e recorte exterior estrelado. Projecto ingénio, nele, e mais uma vez, se representam as duas épocas medievais da construção da igreja. Através do recorte acastelado conferido pelos merlões, que o autor conhece da Sé Velha de Coimbra, faz a amostragem da época românica sóbria e guerreira, e através da rosácea "festiva" representa o esplendor da época gótica.

Em 1899 o Ministro das Obras Públicas Elvino de Brito nomeia, por portaria de 16 de Janeiro, uma comissão que deveria estudar o programa de restauro da Sé. A respectiva comissão, presidida pelo

Visconde de Castilho, é composta por Carlos Sande de Sacadura Botto, cónego, Pedro Romano Folque e Pedro Augusto Arnaud de Meneses, engenheiros e Domingos Parente da Silva, arquitecto. Em 27 de Outubro nova portaria encarrega Augusto Fuschini do restauro da Sé.

Em 1898 tinham começado as obras de demolição no interior e a respectiva remoção de entulhos, dirigidas pelo engenheiro do Ministério das Obras Públicas, Victor Gomes Encarnação. Em 1901 já se trabalhava no deambulatório e em 1902 restaurava-se a capela de Bartolomeu Joanes.^{xv}

Cerca de quatro anos depois de ter sido nomeado responsável pelo restauro da Sé, Augusto Fuschini publica *A Architectura Religiosa na Idade Média* onde, como já apontámos, define os critérios dos seus projectos. É a esta obra que vamos agora prestar atenção.

Fuschini não tem particular apreço pela Sé de Lisboa que considera de menor valor architectónico. O templo tinha sido, no entanto, o melhor exemplo do estilo românico em Portugal que conjuntamente com a Sé Velha de Coimbra e a Sé da Guarda deveria ser considerado como monumento românico de relativa importância. Edifícios modestos, muito alterados por obras

posteriores à sua primeira construção, só a Sé Velha tinha merecido um consciencioso restauro. A catedral de Lisboa apresentava uma tão profunda ruína no templo e no claustro que as obras empreendidas deveriam ser designadas de "dispendiosa reconstrução" mais do que "simples e económica restauração"^{xvi}.

A Sé é merecedora de reconstrução, apesar da falta de valia artística e das alterações sofridas, porque representa "a primeira igreja do país na ordem da hierarquia ecclesiastica e é a catedral de uma grande cidade da Europa"^{xvii}.

É esta a motivação em que assentam os projectos de Fuschini: conferir dignidade arquitectónica à catedral, que não se cansa de repetir ser de estilo pobre, construção ordinária, quer na escolha quer na disposição dos materiais, de pobreza ornamental, enfim um edifício que não exigiu decerto planos muito estudados e completos.

A fundação deveria ser atribuída a D. Afonso Henriques, logo depois da conquista de Lisboa em 1147 e o templo estaria concluído em 1150, o que não custava a acreditar porque em três anos "não seria grande a dificuldade em elevar um edifício d'essa natureza"^{xviii}.

Perante tal descrição e conclusões hesitamos entre levá-las à conta de ignorância - Fuschini considera a catedral da Guarda coeva da de Coimbra e da Sé da Lisboa - ou em enquadrar aquelas considerações no estado do edifício à data do seu restauro: os pilares estavam cobertos de pinturas de mármore fingido, a nave central tinha cobertura de madeira e estuque, as naves laterais eram cobertas por abóbadas de tijolo, inúmeras e descuidadas construções ocultavam as fachadas laterais, o estado do claustro era caótico, encoberta que estava a sua estrutura por várias construções, etc..^{xix}

O autor classifica estilisticamente o templo do estilo românico secundário, que floresceu na Europa no século XI, e define a planta primitiva com transepto saliente e deambulatório sem capelas radiantes. O alçado da fachada não era muito diferente do que a igreja então apresentava, na sua estrutura de corpo central mais baixo ladeado por duas torres, embora os vãos, coroamentos, portal e arcadas tivessem sido alterados antes do terramoto de 1755.^{xx} Para constatar este facto Fuschini aponta o desenho gravado por Le Bas que representa a igreja arruinada pelo terramoto, como prova de que todas aquelas alterações já existiam na primeira metade do século XVIII.

A antiga catedral de D. Afonso Henriques conduzia à elaboração de um projecto de restauro que tornava patente a "severa solennidade do estylo e o aspecto de força, que nunca perderam as grandes e massiças torres da Sé (...)"^{xxi}. Depois de enumerar a série de construções posteriores à edificação inicial, adjacentes aos muros da catedral, afirma:

"É claro que em qualquer projecto de restauração ninguém poderá pensar sequer em repôr o edificio nas condições primitivas; muito embora todos estejamos de accordo que teria sido muito preferivel ter evitado estes acrescentamentos, que lhe prejudicam a unidade do estylo. Além disso, a capela de S. Bartholomeu, apesar da sua pequenez, é um excellente exemplar do estylo ogival secundario. Assim, no projecto de restauração d'esta fachada, attendemos a todos os edificios, aproveitando-os o melhor possivel"^{xxii}.

Fuschini considera que os elementos góticos estão em melhor estado de conservação do que os românicos, sendo impossível pensar em restituir ao conjunto a sua feição primitiva. A reconstrução devia assim começar pelas fachadas, e a principal devia assumir novamente o seu arranjo românico,

"manifestando certa grandeza, se as torres forem convenientemente coroadas de agulhas e substituida a parte central, entre as duas torres. Esta obra é indispensavel e uma das primeiras que deve ser realisada"^{xxiii}. Na fachada sul coberta por construções da Renascença não poderia ter outra solução senão a de melhorar o seu "frio e pobre Estylo"^{xxiv}.

O interior da igreja teria de ser completamente reedificado, aproveitando-se apenas as fundações dos pilares, das arcadas das naves e paredes exteriores. Não só as abóbadas, como já referimos, estavam construídas em materiais como madeira, estuque e tijolo, como os pilares se encontravam fendidos, não suportando o peso do abobadamento em pedra.

O estado da Sé era lastimoso e a "reconstrução e restauração mais ou menos radical do antigo monumento é, portanto, quasi um dever de patriotismo"^{xxv}.

Augusti Fuschini nunca pensou em restaurar a igreja devolvendo-lhe o aspecto primitivo, mas sim em construir uma catedral cuja fábrica estivesse de acordo com a importância eclesiástica da Sé e com a sua situação na capital do reino, que demonstrasse uma fisionomia românica por um lado, mas também gótica, porque alguns elementos dessa época estavam bem conservados.

Estamos perante uma situação pouco comum no âmbito do restauro realizado em Portugal. Com maiores ou menores equívocos, tendo em maior ou menor grau a consciência da impossibilidade de retomar totalmente as formas pristinas, em todos os restauros dos grandes edifícios religiosos - mosteiro da Batalha, Sé Velha de Coimbra, Sé da Guarda - os seus autores procuraram, quase sempre, o arranjo original. Também nas construções de menor dimensão e em programas de reconstrução menos ambiciosos emerge a ideia de restaurar de acordo com o "estilo primitivo". É certo que Fuschini tinha diante de si uma igreja mais transformada do que nenhuma, mas a sua convicção explícita de que a construção românica correspondia a um edifício de fracas dimensões, pouca qualidade construtiva e de um quase total empirismo arquitectónico, foi sem dúvida nuclear nos projectos que desenvolveu. Convicção ou resolução? Permanece a dúvida se a observação que faz da Sé depreciou demasiadamente a arquitectura primordial do templo para poder optar por um programa de total transformação, pontuando a cidade, no seu edifício religioso virtualmente mais prestigiado, com uma criação pessoal. Joaquim de Vasconcelos que visitou a Sé em Junho de 1905, refere que a

reintegração do templo era muito fácil do ponto de vista arqueológico, mas do ponto de vista construtivo equivalia a uma obra nova e onerosa. Os capitéis das colunas que sustentavam a antiga abóbada tinham desaparecido quase todos, incluindo os do *triforium* refeitos em estuque. Vasconcelos vê no lance norte do claustro a sua parte mais antiga, como já registara J. P. Narciso da Silva e compara os perfis das nervuras das abóbadas daquela ala com os elementos correspondentes da Sé-Velha e de Santa-Clara-a-Velha de Coimbra. Não obstante a desordem que a catedral de Lisboa apresentava, J. de Vasconcelos considera que a charola, claustro, e capelas anexas "são interessantes e devem ficar muito bem com a elegante ossatura dos arco-botantes (...) á vista (...). Seria muito lindo, se o claustro não envolvesse tudo e impedisse a vista d'esse systema radial, do lado da rúa"^{xxvi}. O autor sublinha o carácter "ogival" que a Sé adquiriu no século XIV e, crítico acérrimo de Fuschini e do restauro que então decorria, não pode deixar de criticar as "descobertas" daqueles elementos que o engenheiro proclamava nas páginas da "Ilustração Portuguesa" em 1905: "Estava tudo á vista desde que conheço a Sé (1870)"^{xxvii}. Um dos objectivos da visita à catedral de Lisboa por Joaquim de Vasconcelos

consistia na procura de elementos, no claustro, que pudessem ser tomados como modelos do restauro do claustro da Sé-Velha de Coimbra, que então se realizava sob a direcção de A. A. Gonçalves. A emulação entre os dois restauros não será alheia às observações citadas de Vasconcelos, que escreve em seguida: "A provincia ensinou mais uma vez á capital o caminho da honra, da probidade scientifica, e artistica, da iniciativa corajosa, que pondera com criterio (...) "^{xxviii}. Devidamente enquadrado o texto de Vasconcelos é um documento sobre o estado da Sé, aliás os detractores de Fuschini são muitos, como veremos.

Fuschini é um admirador confesso da arte gótica, mas principalmente do mosteiro da Batalha onde é patente a simplicidade, a pureza e a harmonia da ornamentação, qualidades indispensáveis aos grandes estilos artísticos.^{xxix} Terá sido esta razão que o levou a valorizar tanto o restauro da capela de Bartolomeu Joanes, a fachada norte onde encontrou outras construções marcadas por aquele estilo e o deambulatório.

Os conceitos de restauro expressos por Fuschini são marcados pela influência teórica e prática de Viollet-le-Duc, e concretamente pela conhecida definição de restauro que o arquitecto francês

escreveu no *Dictionnaire Raisonné de l'Architecture Française* (...) "^{xxx}. Restaurar um edificio correspondia a restabelecer um estado completo que podia nunca ter existido em determinado momento da sua construção. Já citámos acima o apreço de Fuschini pela unidade de estilo em arquitectura, ideia muito difundida no pensamento de restauro do século XIX, mas que é normalmente atribuída a Viollet-le-Duc, pelas intervenções mais conhecidas que realizou, como a de Notre-Dame e da Sainte-Chapelle de Paris, da catedral de Clérmont-Ferrand, onde inventou uma fachada gótica e de Saint-Sernin de Toulouse que reconstitui totalmente nos coroamentos, procurando em todos estes exemplos uma uniformidade estrutural e decorativa.^{xxxi}

Quando se processava e discutia o restauro do templo do mosteiro dos Jerónimos em 1879, A. Fuschini defendera a substituição da capela-mor por considerar aquele elemento "horível e discordante"^{xxxii}.

Depois de concluída a reconstrução da capela de Bartolomeu Joanes, Fuschini pretendia revesti-la interiormente de pintura polícroma, pelo que tencionava deslocar-se à Bélgica e à Itália, onde encontraria os modelos necessários. Não chegou a realizar essa intenção por ter falecido em 1911, mas a vontade de o

fazer é elucidativa da forma como pretendia restaurar a Sé, com elementos que ela nunca possuía, mesmo no caso das adjunções góticas. A catedral ficaria assim dotada e valorizada pela amostragem dos dois estilos, nos seus aspectos mais espectaculares. Apesar da valorização que faz da sobriedade da Batalha, da subordinação do ornamento às linhas da arquitectura, notando a diferença entre a arquitectura da fachada da igreja de Santa Maria da Vitória e a rica ornamentação das catedrais góticas de outros países europeus, preferindo o monumento português, a decoração das bases e plintos que estavam destinadas ao pórtico exterior do *nartex* demonstram quanto Fuschini pretendia fazer daquela entrada um elemento monumentalizado pelo decorativismo dos seus elementos, como ele próprio sugere:

"O grande arco do vestibulo será formado por três grossas columnas romanicas, coroadas de ricos capiteis ligados, sobre os quaes virão repousar grandes molduras de volta inteira (...)"^{xxxiii}.

Entre 1908 e 1911 dirigiu o corte e trabalho ornamental das bases e parte de uma coluna, como testemunha Martinho da Fonseca.^{xxxiv} Este autor acompanha a ideia de Fuschini de enriquecer o monumento, que assim difundiria as

belezas do estilo românico, pouco conhecido entre nós, e ao mesmo tempo tornaria mais eficaz "a acção educativa e atrahiria as massas populares, deslumbradas um pouco com a sua riqueza"^{xxxv}.

O projecto de restauro da fachada ocidental que Fuschini publicou, na obra que temos vindo a referir, faz parte de um conjunto de cinco desenhos semelhantes guardados actualmente no A.H.M.O.P. e na D.G.E.M.N.. As diferenças entre os vários desenhos são de pormenor, pelo que prestaremos atenção ao projecto publicado por Fuschini e que corresponde àquele que pensava utilizar, já que o publicou e que conduziu as obras segundo o mesmo, como é visível em fotografia publicada em 1906.

Fuschini partiu do princípio que as torres figuradas em gravuras posteriores ao século XV não eram as originais, mas sim uma alteração posterior a um terramoto^{xxxvi}. Por isso projectou para as torres uma vigorosa animação dos muros que sublinhava a sua robustez. Acentua a verticalidade coroando as torres de balcões salientes, apoiados em matacões rematados por merlões e, terminando em altos coruchéus, ladeados a norte por pequenas torres ponteagudas que protegem a terminação das escadas que

dão acesso às torres. O corpo central é animado por uma rosácea, em correspondência decorativa com a da capela de Bartolomeu Joanes, a que se segue, entre aquela e o portal exterior da galilé, de três arquivoltas, um conjunto de onze vãos de arco de volta perfeita separados por colunelos, galeria destinada a nobilitar o alçado mas também a iluminar o coro alto, inspirada em elementos similares da arquitectura românica francesa e italiana e em solução correspondente com as janelas maineladas das torres.

Em 1902 decorriam os trabalhos na abóbada da Capela de Bartolomeu Joanes, reforçada com barras de ferro, e abria-se para a rua o portal adjacente e abobadado, formando um alpendre que simultaneamente servia de contraforte à capela, anteriormente muito desaprumada.

Em 1906 a capela estava restaurada, a torre norte concluída e rematada com coruchéu de cimento, iniciava-se o coroamento semelhante da torre sul, restaurava-se o claustro na sua ala oriental e o deambulatório, segundo testemunha Manuel Monteiro que visita a Sé em Junho ou Julho desse ano. A crítica que faz ao restauro, em correspondência dirigida a A. A. Gonçalves, é demolidora:

" Que restauração e que Fuschini!

Concluiu a agulha da primeira torre, feita em cimento, porque, segundo elle, as paredes não supportavam o peso da pedra! No pinaculo 1 anjo!

Está lançado á torre da outra banda.

Simultaneamente principiou o desrestauro da charola. Que criterio, que desenhos, que plastica, que berundanga! Pae dos ceus !!!

Foi-se ao claustro e na testeira da ala oriental, voltada a sul, abriu uma janella phantastica para a rua!...

Creio que para arejar!...

Uff^{xxxvii}.

Manuel Monteiro escreve estes comentários a A. A. Gonçalves. Estará aqui implícita a comparação entre o restauro da Sé-Velha de Coimbra e o da catedral de Lisboa, mas certamente estão também presentes distintos critérios de restauro. A crítica de Manuel Monteiro aponta principalmente para o carácter inventivo do projecto e consequentes "incongruências" construtivas, como o exemplo da janela do claustro que abre para a rua. No deambulatório Fuschini restaurou duas capelas, a de S. Sebastião e de Nossa Senhora da Piedade, abrindo janelas superiores nas mesmas. O perfil que estas apresentam ainda hoje, corresponde ao projecto de Fuschini e

não estão assinaladas no corte longitudinal da Sé executado sob a direcção de Possidónio Narciso da Silva entre 1882 e 1883.

Depois da morte de Augusto Fuschini, um despacho de 16 de Agosto de 1911 nomeia António do Couto e Abreu, arquitecto, para a direcção de obras da Sé, a que se segue uma interrupção de cerca de quatro anos. Em 1916 as capelas do deambulatório e o claustro estão novamente em obras^{xxxviii}. Cerca de 1924 as capelas radiantes estavam já restauradas com as respectivas aberturas superiores correspondentes ao projecto de Fuschini. As nervuras das abóbadas tinham sido "reconstituídas" e as capelas do transepto encontravam-se "desmanteladas em virtude da reconstrução que aí se está fazendo"^{xxxix}. Entre 1923 e 1934 foi restaurado o pórtico principal depois de se ter procedido a escavações e demolições. As escavações foram realizadas quando se levantou o pavimento da galilé que ficava ao nível da igreja, tendo sido encontrados "restos de escadas e do pavimento primitivo, aproximadamente 1,30 m abaixo do piso inferior, os quaes permitiram reconstruí-lo de novo, bem como os degraus da sua forma originária"^{xl}. O desnível era anteriormente suprido pela escadaria,

figurada na iconografia da Sé datada do século XIX. Os fustes foram restaurados apresentando-se actualmente em tambores, embora a figuração anterior pareça indicar que as peças eram monolíticas, aspecto confirmado por Maria do Rosário Gordalina.^{xli} Os plintos foram alterados.

Depois de 1930 António do Couto Abreu dedicou-se a demolir alguns elementos mandados construir por Fuschini, como os coruchéus e as pequenas torres laterais aos mesmos, a concluir o arranjo do corpo central da fachada, que ficara por realizar, a reconstruir as naves ou seja, os pilares, *triforium* e abóbadas e a reconstruir o claustro. Entre 1941 e 1944 António do Couto abandonou a direcção das obras que foram retomadas em 1946 e em 1952, tendo-se alterado a disposição do corpo central da fachada, obra dirigida por António do Couto e retirado definitivamente o coroamento das torres da autoria de Fuschini, substituindo-o por fiadas de merlões, e concluído as obras do restauro.^{xlii} Estas intervenções são realizadas já sob a administração da D.G.E.M.N. criada em 1929, ultrapassando o nosso inquérito e seguindo critérios de restauro que necessitam de uma análise distinta porque pertencem a um quadro temporal e mental diverso, que não cabe aqui desenvolver.

NOTAS

ⁱ Este artigo desenvolve alguns aspectos que já abordámos em: *Monumentos Pátreos. A arquitectura religiosa medieval – Património e Restauro (1835-1929)*. 2 Vols., Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995.

2 TOMÉ, Miguel – *Património e Restauro em Portugal (1920-1995)*. Porto: FAUP, 2002, p. 37.

ⁱⁱⁱ FONSECA, Martinho da - Sé de Lisboa. *O Occidente*. Lisboa, Vol. 35, n.º 1203, 30 de Maio, 1912, p. 119.

^{iv} FONSECA, Martinho da - Sé de Lisboa. *O Occidente*. Lisboa, Vol. 35, n.º 1203, 30 de Maio, 1912, p. 326.

^v FONSECA, Martinho da - Sé de Lisboa. *O Occidente*. Lisboa, Vol. 35, n.º 1203, 30 de Maio, 1912, figs. 18, 23, 27.

^{vi} Obras da Sé. *O Conservador*. Lisboa, n.º 384, 9 de Maio, 1863, pp. 2-3.

^{vii} Cfr. as fontes iconográficas constantes do acervo A.N./T.T., A.H.M.F., Livro de plantas, Sé de Lisboa, Cx. 5271, que publicámos em: *Monumentos Pátreos. A arquitectura religiosa medieval – Património e Restauro (1835-1929)*. Vol. 2, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995.

^{viii} Cfr. ROSAS, Lúcia Maria Cardoso - *Monumentos Pátreos. A arquitectura religiosa medieval – Património e Restauro (1835-1929)*. Vol. 2, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

^{ix} [SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da] - *Relatorio da Comissão dos Monumentos Nacionaes apresentado ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Ministro das Obras Publicas, Commercio e Industria pelo Presidente da referida Comissão em 1884*. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 7.

^x [SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da] - *Relatorio da Comissão dos Monumentos Nacionaes apresentado ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Ministro das Obras Publicas, Commercio e Industria pelo Presidente da referida Comissão em 1884*. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 8.

^{xi} [SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da] - *Relatorio da Comissão dos Monumentos Nacionaes apresentado ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Ministro das Obras Publicas, Commercio e Industria pelo Presidente da referida Comissão em 1884*. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 8.

^{xii} Cfr. RIEGL, Aloïs – *El culto moderno a los monumentos. Caracteres y origen*. Madrid: Visor, 1987, (edição original de 1903).

^{xiii} [SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da] - *Relatorio da Comissão dos Monumentos Nacionaes apresentado ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Ministro das Obras Publicas, Commercio e Industria pelo Presidente da referida Comissão em 1884*. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 8.

^{xiv} Cfr. ROSAS, Lúcia Maria Cardoso - *Monumentos Pátreos. A arquitectura religiosa medieval – Património e Restauro (1835-1929)*. Vol. 2, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995.

^{xv} Cfr. ROSAS, Lúcia Maria Cardoso - *Monumentos Pátreos. A arquitectura religiosa medieval – Património e Restauro (1835-1929)*. Vol. 2, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995, p. 325-326.

^{xvi} FUSCHINI, Augusto - *A Architectura Religiosa na Edade Media*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904, pp. 141-142.

^{xvii} FUSCHINI, Augusto - *A Architectura Religiosa na Edade Media*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904, p. 142.

^{xviii} FUSCHINI, Augusto - *A Architectura Religiosa na Edade Media*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904, pp. 146-147.

^{xix} FUSCHINI, Augusto - *A Architectura Religiosa na Edade Media*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904, pp. 162-163 e 165-166.

^{xx} FUSCHINI, Augusto - *A Architectura Religiosa na Edade Media*. Lisboa: Imprensa Nacional. 1904, p. 150.

^{xxi} FUSCHINI, Augusto - *A Architectura Religiosa na Edade Media*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904, p. 151.

^{xxii} FUSCHINI, Augusto - *A Architectura Religiosa na Edade Media*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904, p. 161.

^{xxiii} FUSCHINI, Augusto - *A Architectura Religiosa na Edade Media*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904, p. 164.

^{xxiv} FUSCHINI, Augusto - *A Architectura Religiosa na Edade Media*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904, p. 165.

^{xxv} FUSCHINI, Augusto - *A Architectura Religiosa na Edade Media*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904, p. 164.

- ^{xxvi} *Cartas de Joaquim de Vasconcelos para António Augusto Gonçalves*. Porto: Marques Abreu, pp.192-193.
- ^{xxvii} *Cartas de Joaquim de Vasconcelos para António Augusto Gonçalves*. Porto: Marques Abreu, p. 193.
- ^{xxviii} *Cartas de Joaquim de Vasconcelos para António Augusto Gonçalves*. Porto: Marques Abreu, p. 194.
- ^{xxix} FUSCHINI, Augusto - *A Arquitectura Religiosa na Edade Media*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904, pp. 270-274.
- ^{xxx} VIOLLET-LE-DUC, Eugène - S./v. Restauration, *Dictionnaire Raisonné de l'Architecture Française de XI au XVIème siècle*. Vol. 8, Paris, 1868.
- ^{xxxi} CHOAY, Françoise - *L'Allegorie du Patrimoine*. Paris: Seuil, 1992, p. 120.
- ^{xxxii} FUSCHINI, Augusto - Santa Maria de Belém e o novo edifício da Casa Pia. *O Occidente*, Lisboa, Vol.2, n.º 26, 26 de Janeiro, 1879, p. 11.
- ^{xxxiii} FUSCHINI, Augusto - Lisboa, Sé. *A arte e a natureza em Portugal*. Porto, Vol. 7, p. 95.
- ^{xxxiv} FONSECA, Martinho da - *A Sé de Lisboa e Augusto Fuschini*. Lisboa, 1912, p. 16.
- ^{xxxv} FONSECA, Martinho da - *Sé de Lisboa. O Occidente*. Lisboa, Vol. 35, n.º 1201, 10 de Maio, 1912, p. 100.
- ^{xxxvi} FUSCHINI, Augusto - *A Arquitectura Religiosa na Edade Media, A Arquitectura Religiosa na Edade Media*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904, p. 150.
- ^{xxxvii} Carta da Manuel Monteiro a António Augusto Gonçalves datada de Junho ou Julho de 1906 e publicada por MADAHIL, António Gomes da Rocha - *Bibliotecas e arquivos: a questão dos papéis de Braga*. Coimbra, sep. de *Arquivo Coimbrão*, Vol. 25, 1970, pp. 26-27.
- ^{xxxviii} Cfr. GORDALINA, Maria do Rosário, *As obras realizadas na fachada ocidental da Sé de Lisboa no séc. XIX, Critérios de intervenção*. Lisboa, 1987 (trabalho policopiado existente no A.H.M.O.P.). No título deste trabalho refere-se o século XIX o que corresponde a um lapso, uma vez que a autora trata das obras realizadas no século XX por Fuschini e António do Couto Abreu.
- ^{xxxix} SEQUEIRA, Matos e BRITO, Nogueira de - *Sé* in "Guia de Portugal. Lisboa e Arredores". Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1924, Vol.1, pp. 278-282,
- ^{xl} SILVA, Augusto Vieira da - *A Sé de Lisboa* in "Lisboa Antiga" (dir. de Júlio de Castilho). Lisboa, Vol.5, 2ª edição, 1936, pp. 52 e 37.
- ^{xli} Cfr. GORDALINA, Maria do Rosário, *As obras realizadas na fachada ocidental da Sé de Lisboa no séc. XIX, Critérios de intervenção*. Lisboa, 1987 (trabalho policopiado existente no A.H.M.O.P.), p. 17.
- ^{xlii} Cfr. GORDALINA, Maria do Rosário, *As obras realizadas na fachada ocidental da Sé de Lisboa no séc. XIX, Critérios de intervenção*. Lisboa, 1987 (trabalho policopiado existente no A.H.M.O.P.), pp. 19-20.
- ^{xliii} GORDALINA, Maria do Rosário - *As obras realizadas na fachada ocidental da Sé de Lisboa no séc. XIX, Critérios de intervenção*. Lisboa, 1987 (trabalho policopiado existente no A.H.M.O.P.), pp. 14-21.
- ^{xliv} Citado por CHOAY, Françoise - *L'Allegorie du Patrimoine*. Paris: Seuil, 1992, p.121.